

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

3 de Fevereiro de 2024

FILMar: COMEÇAR A ACABAR

ACÇÃO SOCIAL AO PESCADOR / 1958

Um filme de António Veríssimo

Imagem (16 mm, cor, formato 1x37),/montagem, som, texto do comentário, narração e produção: não indicados na cópia / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, dcp (transcrito do original em 16 mm) / Duração: 90 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

Estamos diante de um exemplar da abundante produção de filmes de propaganda do Estado Novo, realizado por um técnico que teve uma presença relativamente modesta nos estreitos espaços daquela cinematografia. António Veríssimo foi assistente em diversos filmes, entre os quais **Fado** e assinou a realização de apenas quatro filmes, três dos quais são curtas-metragens: **Inauguração do Bairro de Pescadores de Afurado** (1952), embrião do filme que vamos ver, outro filme de propaganda, **Manifestação das mulheres portuguesas a Salazar** (1959) e **Regatas em Cascais** (1960).

Mas **Acção Social ao Pescador** tem algumas diferenças nítidas com a produção de propaganda salazarista, embora também tenha algumas das suas características mais evidentes. Uma diferença importante é que o filme (no qual não é indicado um só nome, não há genérico) não foi produzido por algum organismo do Estado, pois neste caso este seria mencionado. Talvez tenha sido produzido a partir de algum “saco azul” da Marinha, pois um leiteiro indica que o “*Capitão José Maria Vilarinho mandou filmar no Verão de 1958*” este “*documentário, para oferta ao Comandante Tenreiro no seu aniversário*”. Mais adiante o narrador informa-nos que Tenreiro foi “*delegado do governo junto aos organismos das pescas*”. Outra diferença com a produção corrente de propaganda do regime é que, além de ser uma longa-metragem, destinada a ocupar toda uma sessão e não uma curta-metragem a ser exibida na primeira parte do programa 70 (atualidades, trailers, curtas-metragens), como se fazia em todo o mundo até os anos, o filme foi feito a cores, o que em 1958 era um luxo mesmo na produção de longas-metragens de ficção e não só em Portugal. Outra diferença a notar é que o locutor não tem o tom ridiculamente pomposo que caracteriza estes filmes (inclusive hesita brevemente em algumas passagens, um “defeito” muito bem-vindo), devendo-se ainda assinalar que o texto narrado em *off*, embora inevitavelmente empolado, não faz alusão alguma aos Descobrimentos e aos *Lusíadas*, o que era quase inevitável num filme que abordasse a relação de Portugal com o mar. Para o espectador que tenha alguma prática deste cinema esta agradável surpresa traz um autêntico alívio.

Na verdade, como indica com clareza o título, não se trata de um filme sobre o mar ou sobre a pesca, mas sobre os pescadores e os diversos benefícios de que gozavam: boas casas, creches, escolas, assistência médica, lares para idosos. A um nível prosaico, o filme procura obviamente aliciar candidatos à profissão de pescador, que tinha algum peso na economia do país. Diz-se, por exemplo, a quantia que receberam o mais e o menos eficiente membro de uma equipa específica de pesca (“*treze contos e dez contos*”) e mostra-se uma escola onde se aprende as técnicas da pesca. A um nível subjacente tenta fazer passar a ilusão de que não só os pescadores mas quase toda a população do país vivia em excelentes condições. A pobreza não é inteiramente recalçada, como era regra de ferro, mais do que de ouro, naquele cinema. Dela é

apresentada uma “*amostra*”, para sublinhar a diferença entre aquelas “*choças, pardieiros e tugúrios que mais parecem tocas de animais*” e as casas oferecidas aos pescadores e às suas famílias, das quais não vemos jamais o interior e cujos habitantes parecem perpetuamente endomingados. Em mais uma penosa característica do cinema de propaganda do regime, diversas passagens são acompanhadas por fanhosas e enfadonhas melodias folclóricas, pois as classes populares sempre eram “típicas” num regime tão abertamente paternalista.

O filme sofre de uma absoluta falta de espírito de síntese, a tal ponto que, no desenlace, o espectador se surpreende ao ouvir o narrador dizer que “*vamos chegar ao fim deste breve documentário*”. **Acção Social ao Pescador** seria muito mais eficaz se tivesse uma hora de duração a menos e inclusive, precisamente ao cabo de uma hora, parece chegar ao fim, a julgar pela narração, mas continua indevidamente. A esta falta de capacidade de síntese narrativa junta-se uma estrutura pouco sólida, sendo uma coisa o reflexo mais do que a consequência da outra. António Veríssimo não se decide se deve organizar o seu filme de modo temático (saúde, educação, alojamento) ou geográfico. Durante algum tempo, o espectador tem a impressão de que a narrativa é organizada em ordem geográfica, do norte ao sul do país (como durante a formação de Portugal?), mas o realizador acaba por não respeitar esta ordem, que ele mesmo sugere. E comete o erro palmar de dar informações específicas para cada uma das terras visitadas: como as informações são exatamente as mesmas, o efeito repetitivo torna-se insuportável, embora não sem algum toque involuntariamente cómico. Ficamos a saber, com reiterada insistência, quantas injeções, radiografias, consultas etc. foram dadas pelos centros de saúde para pescadores dos mais variados rincões da costa lusitana. Vemos não sei quantas vezes crianças que fazem os mesmos trabalhos manuais. E a sombra do que havia de pior no regime paira com nitidez neste filme que parece situado noutro país, a julgar pelo aspecto das casas desta gente pobre e dos seus habitantes. Fala-se em “*nova ordem*”, em “*disciplina*” (quando uma mulher dá um puxão para esticar as pernas de duas crianças que dormiam um pouco encolhidas), em “*campo moral e espiritual*” e na necessidade de inculcar o “*temor a Deus*”, sem esquecer o “*grave problema moral*” que paira sobre as mulheres quando os maridos se ausentam por longos períodos. De modo surpreendente para um filme feito em tempos de Salazar, fala-se, breve mas diretamente, da sífilis (“*já quase vencida*”), pois é mais do que óbvio que os pescadores que traziam o bacalhau para os lares portugueses frequentavam os bordéis da Nova Escócia e de outros pagos. Num lapso que tem um efeito quase humorístico, quando ouvimos a alusão à sífilis vemos um grupo de homens em tronco nu que saem de um edifício: não vão ser castigados por terem sido flagrados a cometer o pecado que causa a sífilis, vão simplesmente ter os pulmões examinados para a “*erradicação final*” da tuberculose...

Acção Social ao Pescador, em cuja conclusão é dito que “*aqueles que só apreciam o que se faz no estrangeiro*” ficam agora a saber o que se faz pelos pescadores em Portugal, é organizado, de modo ao mesmo tempo deliberado e involuntário, sobre o princípio da composição dos bilhetes-postais. Estes mostram apenas fachadas, um mundo idealisticamente belo e por isso mesmo agradável de se contemplar. O trabalho de imagem é de muito boa qualidade, António Veríssimo tem olho para pormenores marcantes (no início, as dezenas de sardinhas que agonizam na areia da praia), a cor é de grande beleza (não se sabe que película foi usada), o formato original em 16 mm permite grande fluidez. Além de ser um importante documento por aquilo que mostra, o filme tem beleza visual, o que é particularmente nítido numa cópia restaurada como esta, tão próxima quanto possível da imagem de cinema, longe da chateza digital dos “restauros” feitos nos Estados Unidos.

Antonio Rodrigues